



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES E
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE
26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



GT: 3 Práticas de educação decolonial e Pragmática de resistência.

EDUCAÇÃO LIBERTADORA EM PAULO FREIRE E BELL HOOKS: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA E DECOLONIAL

Francisca Lusmaia Alves Mangeth¹
Claudiana Nogueira de Alencar²

RESUMO: A concepção de educação libertadora formulada por Paulo Freire e Bell Hooks destaca a relevância da educação como ferramenta de transformação social. Paulo Freire, teórico brasileiro, desenvolveu o conceito de “educação como prática da liberdade”, enquanto Bell Hooks, pensadora americana e feminista, ampliou essas ideias, trazendo a interseccionalidade e o feminismo negro como pilares centrais. Ambas as perspectivas se concentram em uma pedagogia que prioriza o diálogo, a autonomia e o desenvolvimento crítico, com o objetivo de valorizar as vozes de grupos historicamente marginalizados. A pesquisa realizada foi bibliográfica e de natureza qualitativo-interpretativa. Esta investigação mostra que a educação é uma prática social que possibilita a troca de conhecimentos, a conscientização dos cidadãos e que visa criar um caminho para a decolonialidade, transformando as relações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Libertação. Dialogicidade. Educação emancipadora.

INTRODUÇÃO

Paulo Freire e Bell Hooks são dois dos principais expoentes da educação libertadora, ambos comprometidos com uma prática educacional que promove a emancipação de indivíduos e grupos oprimidos. Suas abordagens transformadoras propõem uma alternativa pedagógica centrada na igualdade, no respeito mútuo e no desenvolvimento crítico dos sujeitos envolvidos e desafiam o modelo educacional tradicional, que muitas vezes reforça as relações hierárquicas e de dominação.

A pesquisa realizada foi de natureza teórica, com abordagem qualitativa e interpretativa, como afirma Minayo (2009), a partir de uma de revisão bibliográfica, que se utiliza do método de análise textual e discursiva.

¹ **Francisca Lusmaia Alves Mangeth.** Mestre pelo Mestrado Intercampi em Educação e Ensino (MAIE/UECE). Professora da Rede Pública Municipal e Estadual em Quixeramobim. Email: lusmaia_alves@hotmail.com.br.

² **Claudiana Nogueira de Alencar.** Doutora em Linguística (pós-doutorado) em Pragmática e Filosofia da Linguagem pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Professora do Mestrado Intercampi em Educação e Ensino (MAIE/UECE) e da Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLa) da UECE. Email: Claudiana.alencar@uece.br.



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES E
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE
26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



Refletindo por essa perspectiva, Mangeth (2023) elucida que Paulo Freire lança em suas obras as sementes de inspiração, autonomia, conscientização, emancipação e dialogicidade para todos nós, firmando as bases sólidas e bem alicerçadas do que se pode chamar de perspectiva de *educação como libertação*.

Bell Hooks (2017) tece considerações sobre a importância dos aspectos sociais e culturais para a vida dela enquanto professora universitária e escritora. Assim, são exigidas as qualidades necessárias para a realização de um bom trabalho, sobretudo para melhorar a prática educativa levando em consideração o entusiasmo e a motivação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No seu livro *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire (1970) critica o modelo tradicional de educação que ele chama de educação bancária. Nesse modelo, o professor assume o papel de depositante de conhecimento, enquanto os alunos são receptáculos passivos, ou vazios, que apenas recebem informações. Segundo Freire, essa estrutura anula a criatividade e a criticidade, perpetuando uma relação de opressão e impedimento do desenvolvimento de uma consciência crítica e emancipadora.

Mangeth (2023, p. 83) esclarece que “os processos de aprendizagem se relacionam com a práxis das lutas contra as opressões do sistema-mundo moderno colonial capitalista”. Nesse aspecto, as obras de Freire, já na década de 1960, faziam as primeiras críticas contra as relações de dominação da colonialidade no contexto educacional, e estimulam as aprendizagens colaborativas voltadas para a inclusão, a reflexão, a diversidade e que evidenciam a construção de espaços culturais organizados em círculos dialógicos para a leitura crítica de mundo, sendo assim, os [...] “participantes do diálogo do círculo de cultura não são uma maioria aristocrata dedicada à especulação, mas homens do povo. Homens para os quais as palavras têm vida porque dizem respeito ao seu trabalho, à sua dor, à sua fome” (Freire, 2022, p. 6).

Freire (2022) propõe uma educação libertadora, emancipadora, na qual alunos e professores se engajam em um diálogo constante e respeitoso. Nesta abordagem, o conhecimento é construído coletivamente, promovendo a autonomia dos estudantes. O educador se torna um facilitador, um mediador que cria espaço para a dialogicidade, questionamentos e reflexão sobre a realidade.

A conscientização crítica é um conceito central na pedagogia de Freire (2023), referindo-se ao processo no qual os indivíduos se tornam cientes de suas condições de opressão e desenvolvem um desejo de transformá-las. Para Freire, a educação deve ser um ato de intervenção no mundo e



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES E
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE
26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



não uma simples adaptação a ele. A pedagogia libertadora é uma prática política que visa a transformação social, promovendo uma cidadania ativa (reflexiva) e crítica.

Mangeth (2023) relata que Bell Hooks (2017) declara que a partir da leitura, “descobriu como dissociar a ameaça de saber mais e lutar por uma educação libertadora, ou seja, quando se toma posse do conhecimento. Se apropriar desse conhecimento acadêmico pode ser perigoso e subversivo do ponto de vista daqueles que detém o poder”, pois se trata da crítica das opressões e da ampliação da visão holística e/ou expansiva de ver o mundo.

Partindo desse pressuposto, Hooks (2017, p. 36) considera que os professores que são capazes de aceitar e abraçar “o desafio da autoatualização serão mais capazes de criar práticas pedagógicas que envolvam os alunos, proporcionando-lhes maneiras de saber que aumentem sua capacidade de viver profunda e plenamente”.

O amor como prática educativa é entendido por Bell Hooks (2021) como um compromisso ético com o bem-estar e o crescimento do outro, é essencial para a educação libertadora. Nessa direção, um ambiente educacional amoroso encoraja os estudantes a explorarem o seu potencial criativo e a desenvolverem a autoestima saudável, criando uma comunidade de aprendizagem colaborativa para que todos se sintam valorizados e respeitados.

Bell Hooks (2017), inspirada por Paulo Freire, expande a pedagogia libertadora para uma análise crítica das opressões de gênero, raça e classe. Em seu livro *Ensinando a transgredir* (1994), ela defende uma educação que vá além da sala de aula tradicional, caracterizando o ensino como uma prática de liberdade e resistência contra sistemas de opressão. Para a autora, a educação deve transformar o aluno em um ser crítico e empoderá-lo para atuar na sociedade como um agente de mudança. Nessa direção, Alencar (2021) assevera que, as gramáticas de resistência são constituídas a partir das atividades culturais, das intervenções e das práticas do cotidiano com significados que sinalizam estruturas, roteiros ocultos, resistência às formas de opressão, ao sistema de exploração capitalista e/ou patriarcal.

Freire (2023) foca na conscientização e na construção coletiva do conhecimento, enquanto Hooks (2021) acrescenta a importância da interseccionalidade e do amor na pedagogia. Para ambos, o processo educativo deve ser transformador, promovendo a igualdade, o respeito e a liberdade.

O ensino perpassa por desafios de uma sala de aula multicultural, mas não adianta apenas de criticar os currículos ou exigir mudanças curriculares vagas, é preciso promover a adoção de atitudes e de hábitos daqueles que estão enraizados na educação tradicional.



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES E
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE
26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação libertadora, como proposta por Paulo Freire e Bell Hooks, é uma abordagem pedagógica que visa a emancipação dos indivíduos e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Por meio do diálogo, da conscientização crítica e da prática do amor e do respeito, Freire e Hooks oferecem um modelo educacional transformador que desafia as estruturas tradicionais de poder da colonialidade e promove uma prática educativa inclusiva e libertadora. A implementação dessas ideias perpassa muitos desafios, mas sua relevância continua significativa em contextos nos quais a educação é vista como um meio de resistência e transformação social.

A pedagogia de Hooks é marcada pela interseccionalidade, um conceito que considera como as diferentes formas de opressão (como racismo, o sexismo e opressão econômica) interagem e influenciam a experiência dos indivíduos. Ao trazer o feminismo negro para o campo educacional, Hooks desafia as normas da academia e enfatiza a importância de incluir as vozes e experiências das mulheres negras e de outros grupos marginalizados.

A educação para Hooks é um espaço para desenvolver uma “voz própria” ou “voz ativa” e promover a resistência. Ressalta-se que além de falar sobre questões feministas, a autora perpassa a questão da educação na busca da necessidade de perceber a realidade social de maneira crítica, na construção de ações transformadoras. Busca-se uma educação engajada que compreenda a própria dinâmica social, que envolve as lutas de classes sociais, buscando acordar para criar uma consciência coletiva.

A educação libertadora é inspiradora para implementar o comprometimento da ruptura do tradicionalismo desgastante da mera transferência de conhecimentos e propor uma abordagem crítica em que a educação é um processo de emancipação e tomada de consciência.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. O amor de todo mundo, palavras-sementes para mudar o mundo: gramáticas de resistência e práticas terapêuticas de uso social da linguagem por coletivos culturais da periferia em tempos de crise sanitária. **Revista Delta**, [S. l.], v. 4, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-460X202156109>. Acesso em: 01 nov. 2024.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. Tradução de Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 52. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES E
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE
26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo, Elefante, 2021.

MANGETH, Francisca Lusmaia Alves. **Os sentidos de educação como prática da liberdade na obra de Paulo Freire e Bell Hooks**: discursos, intertextualidade e contribuições para a práxis docente. 2023. 107 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação e Ensino). Programa de Pós-Graduação e Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino. Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, 2023.

MINAYO, M. C. S. Construção de indicadores qualitativos para avaliação de mudanças. **Revista brasileira de educação med.**, [S. l.], v. 33, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/36mvLQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 nov.. 20243.